

O Papa e a Universidade

Que pode e deve o Papa dizer à Universidade? Foi essa a pergunta que ele próprio se pôs e a que respondeu no discurso que não chegou a proferir na Universidade de Roma La Sapienza, a 17 de Janeiro de 2008.

A razão da pergunta assenta, não na recusa de alguns sectores da Universidade em recebê-lo, mas na perplexidade expressa pelo próprio Bento XVI de compatibilizar a missão do Papa, portador da “razão ética da humanidade”, com a missão da Universidade, que é a da “procura da verdade”.

O problema da relação do Papa com a Universidade não seria mais do que o problema da relação da razão ética com a verdade, ou seja o problema da relação da *cientificidade* tecnológica das ciências naturais com a *humanidade* das ciências históricas sociais, da ciência com a filosofia e a teologia. Porque o levantou o Papa? Porque o ocidente corre hoje o perigo de desistir de procurar a verdade, e de colocar a razão a reboque dos interesses ou subordinada ao materialismo e ao utilitarismo.

Bento XVI vive preocupado com a descristianização do ocidente, com a perda de sentido identitário da Europa, com o relativismo ético que graça nas sociedades de consumo mais desenvolvidas. E como universitário que também é, sabe que a Universidade, que nasceu para a integração dos saberes, como “*universitas scientiarum*”, está hoje espartilhada pelas especialidades, correndo risco de perder o sentido da unidade dos saberes, e dominada pela obsessão da tecnocracia. Entendeu por isso convidar a Universidade a não desistir de procurar a verdade, e a fazê-lo não apenas em termos teóricos mas práticos, porque a verdade não se esgota no saber, mas destina-se a fazer o bem, e para tal precisa da razão ética.

A MISSÃO DO PAPA

A missão do Papa, como bispo de Roma, seria, segundo ele, a de um *sentinela*, que do alto do privilegiado ponto de observação que é o seu, cuida “do recto caminho e da coesão da totalidade”, não apenas no sentido da união da comunidade dos que têm fé, de que é pastor, mas também, pelo impacto



que o seu exemplo e a sua palavra têm no resto da humanidade, de todo o resto de toda a comunidade humana, de cuja razão ética ele se tornou porta-voz.

De há muito que a voz do Papa não é apenas a de um líder espiritual, mas extravasa os limites deste seu cargo, para falar em nome da sabedoria da humanidade, de uma sabedoria feita de conhecimento e de experiência ética, de que o mundo precisa para o seu equilíbrio.

Basta olharmos para a história do mundo para nos apercebermos do relevante papel desempenhado nele, através dos séculos, pela Igreja, e de quanto deve a humanidade, e não só o ocidente, ao evangelho de Jesus Cristo. Os papas e a Igreja têm contribuído decisivamente para a humanização do mundo e para a espiritualização da vida. Basta pensar na influência que têm tido na preservação da paz no mundo, na denúncia de injustiças sociais e na realização da justiça social, e na defesa da dimensão espiritual da vida contra as grandes correntes edonistas e materialistas contemporâneas. São por isso portadores de uma longa tradição e experiência ética.

Paulo VI apresentou-se na ONU como “perito em humanidade”. Na sua esteira, Bento XVI apresenta-se como porta-voz da razão ética da humanidade.



A MISSÃO DA UNIVERSIDADE

Que tem isto a ver com a Universidade, que se reclama da autonomia na sua orientação e funcionamento?

Antes de mais sublinhe-se que a autonomia da Universidade, que não pode entender-se desligada da responsabilidade, não significa fechamento ao exterior, mormente às mensagens que da sociedade lhe chegam. Muito menos a laicidade, que hoje se reclama para o Estado e para as suas instituições, pode entender-se como eliminação do religioso do espaço público. O espaço público, livre e plural, também na dimensão religiosa, não pode identificar-se com a irreligião. Seria fechar-se à liberdade religiosa, que tem uma inexorável dimensão pública.

Seria bizarro que pudessem falar às universidades os mais variados protagonistas públicos, e se excluíssem os religiosos, quaisquer que eles sejam.

A autonomia responsável da Universidade, aberta ao mundo que a rodeia, é a liberdade de procurar a verdade, o conhecimento e o bem, sem entraves, mas também com o auxílio dos que lhe são exteriores. A Universidade deve ouvir e receber outras fontes de saber, também o de experiência feito, o das grandes tradições humanas, sob risco de não satisfazer os fins para que foi criada e existe desde a fundação, e de não

responder às expectativas que legitimam a sua existência.

Autonomia pede assim a abertura da Universidade à dimensão ética e estética do conhecimento. A verdade que constitui o fim da pesquisa universitária, não se limita à ciência e muito menos à tecnologia. “A verdade nunca é apenas teórica” di-lo lapidaramente o Papa. “Verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem”.

O saber verdadeiro implica saber o que é bem e o que é mal, que nem tudo é lícito na própria demanda do conhecimento e na sua utilização tecnológica. E esse saber do bem é tão importante como a ciência de conhecimento certo.

O Papa fundamenta-o na sua intervenção fazendo apelo à história, para evidenciar que sempre houve na Universidade essa preocupação pelo equilíbrio, pela justa medida entre “teoria e prática”, entre “conhecer e agir”, entre ciência e arte, entre saber e poder, entre direito (e justiça) e liberdade.

Daí a necessidade de questionar a verdade e a razão. So-corre-se de Habermas, com quem travou importante diálogo público há anos, antes de aceder ao pontificado, para se perguntar: o que é uma verdade razoável? O que é uma razão verdadeira? Pergunta a que só podem responder cabalmente a filosofia e a teologia, esta última entendida como “força purificadora da própria razão”, porque encorajadora da verdade, “contra a pressão do poder e dos interesses”, no dizer do Papa Ratzinger.

Hoje a Universidade corre o risco de ser presa do racionalismo científico e do racionalismo tecnológico, corre “o perigo de cair na desumanidade”, porque “o perigo do mundo ocidental”, com o seu relativismo ético, é que o homem “desista da questão da verdade”, e que a Universidade não seja capaz de o ajudar a recuperar esse sentido, porque a filosofia se degrada em positivismo e a teologia se confina à esfera privada.

E o Papa particulariza no caso europeu: se a razão “perde a coragem pela verdade”, se se separa das suas raízes de que vive, preocupada com a laicidade, então a razão desagrega-se e fragmenta-se”.

Eis a missão do Papa relativamente à Universidade: como curador da unidade, “manter desperta a sensibilidade pela verdade”, convidar a razão científica e tecnológica a “pôr-se à procura da verdade, do bem e de Deus”. Eis o que o Papa quis dizer e não o deixaram, mas não impediu que universitários de todo o mundo, como nós, o ouvissem. ●

A verdade que constitui o fim da pesquisa universitária, não se limita à ciência e muito menos à tecnologia. “A verdade nunca é apenas teórica” di-lo lapidaramente o Papa. “Verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem”